

MAPEAMENTOS EM UMA CARTA DE ACONSELHAMENTO NÃO-PROTOTÍPICA

Claudia Valéria Vieira Nunes Farias
Doutorado/UFF
Orientadora: Solange Vereza

Com o intuito de analisar dois exemplos de cartas de aconselhamento, propomos e leitura dos textos que se seguem:

Exemplo 1:

Pergunta: Não consigo me apegar a ninguém.

Olá, tenho 48 anos e não tenho tido sucesso aqui no site. Vou conhecer, gosto, fico empolgada, eles querem ir pra cama (e eu vou). O que acha de sexo no primeiro encontro? Estou há sete anos separada, mas não consigo me apegar a ninguém (mas não gosto mais do meu ex). Sinto meu coração fechado. O último que conheci disse que sou ótima em tudo, mas não me entrego. Vocês podem me ajudar?”

Resposta: Parece que você está com muito medo da vida e das consequências imprevisíveis que ela nos impõe. Você busca um excesso de segurança que não é possível quando procuramos um relacionamento amoroso. Experimente esperar mais antes de se entregar imediatamente ao sexo. Dê tempo para as coisas maturarem, conheça e se deixe conhecer com calma. Não tenha pressa em matéria de amor.

Os textos acima, publicados em um site de relacionamento, estabelecem uma relação de interlocução entre si em que um consulente dirige uma pergunta a um consultor que tem, por sua vez, o propósito de responder ao questionamento feito. Esse propósito advém de uma relação profissional entre o consultor e o site, ou outro suporte de publicação, como um jornal, por exemplo. Para justificar essa relação profissional e legitimar a resposta é frequente a apresentação de credenciais na forma de informação sobre a profissão do consultor, como médico, psicólogo, psicanalista, entre outras possibilidades.

O texto que contém a resposta, doravante texto-conselho, pretende responder ao texto que contém a pergunta, doravante texto-consulta, e ambos constituem o gênero

textual “carta de aconselhamento”. Simoni e Bonini apontam para a característica de duplo texto:

(...) iniciamos nossa análise com a seguinte definição provisória da carta-consulta. Esse gênero constitui um espaço de amostragem de uma informação que vem entremeadada no conjunto de uma pergunta e uma resposta. Há, portanto, a imbricação de dois gêneros para formar um terceiro.” (SIMONI e BONINI, 2009: 125)

Algumas características do gênero em tela podem ser observadas no exemplo da carta-consulta:

Não consigo me apegar a ninguém.	Explicitação do problema na forma de um título, como um <i>lead</i> de jornal.
Olá, tenho 48 anos e não tenho tido sucesso aqui no site.	Questionamento sobre a qualidade do “produto” oferecido pelo site – relacionamentos.
Vou conhecer, gosto, fico empolgada, eles querem ir pra cama (e eu vou). O que acha de sexo no primeiro encontro? Estou há sete anos separada, mas não consigo me apegar a ninguém (mas não gosto mais do meu ex). Sinto meu coração fechado. O último que conheci disse que sou ótima em tudo, mas não me entrego.	Descrição do problema enfrentado e para o qual a consulente deseja ajuda.
Vocês podem me ajudar?	Pedido explícito de ajuda na forma de uma pergunta que deve ser respondida.

A carta-conselho também tem características próprias que podem ser observadas no exemplo dado:

Parece que você está com muito medo da vida e das consequências imprevisíveis que ela nos impõe. Você busca um excesso de segurança...	Avaliação do problema: tentativa de diagnóstico a partir das informações fornecidas e de análise do perfil psicológico da consulente que poderiam ser algumas das causas dos problemas relatados.
...que não é possível quando procuramos um relacionamento amoroso.	Informação do consultor tentando demonstrar a inadequação das expectativas da consulente em relação às características da relação amorosa.
Experimente esperar mais antes de se entregar imediatamente ao sexo. Dê tempo para as coisas maturarem, conheça e se deixe conhecer com calma. Não tenha	Conselho propriamente dito, explícito no uso do modo verbal Imperativo. É a resposta para a pergunta feita ao fim do texto-consulta na forma de várias

pressa em matéria de amor.	orientações (“Experimente”, “Dê tempo”, “conheça”, “se deixe conhecer”, “Não tenha pressa”).
----------------------------	--

Assim, os dois textos dialogam entre si e estabelecem uma relação de pergunta e resposta em que se pode perceber, de forma muito clara, o problema e as orientações dadas. O texto-conselho é sintético, claro, direcionado à consulente como em um diálogo, e com resposta explícita à pergunta formulada.

Apresentamos a seguir outro exemplo de carta de aconselhamento, publicada na revista de entretenimento que é parte da edição de domingo de um jornal de grande circulação:

Exemplo 2:

Pergunta: Aos 27 anos, sou bonita, madura e equilibrada. Há três anos namoro Pedro, bonito, atencioso e apaixonado. Porém ele nunca fez meu coração bater desesperadamente, mesmo tudo indo muito bem entre nós. Na cama e fora dela. Com o passar do tempo, os defeitos começaram a surgir, fiquei mais crítica, impaciente e desanimada. Tenho um sentimento bom por ele, mas não sei se é amor o que gera brigas e insegurança. Conheci Raul — que ainda está na faculdade—na internet. Houve troca de e-mails, conversas e intimidades madrugadas inteiras. Há seis meses falamos em tornar tudo real, sem saber no que dará. Seria uma loucura perder Pedro, não imagino terminar uma relação com tantos planos e temo ficar sozinha. Porém não quero uma vida sem cor. Raul me fez ver como é bom estar apaixonada. Estou perdida...

ISABEL, Rio de Janeiro, RJ.

Resposta: Devastadora máquina do tempo

Com bastante antecedência, Pedro e Isabel compraram as passagens para Paris, programando o que seria uma lua de mel perfeita e apaixonada. Infelizmente, esqueceram-se de um detalhe silencioso e fundamental: a passagem do tempo, que, para muitos casais, é uma séria ameaça de dias vazios e horas pesadas. Se o tempo não for neutralizado, injeta decepção e tédio na relação, esgotando as paixões, principalmente quando se tratam de mulheres jovens e românticas. O fato de ambos serem bonitos e promissores não foi importante. Mesmo assim, Isabel gastou todas as suas reservas românticas com Pedro e não foi por acaso que, nesse preciso momento, via internet, entrasse em cena Raul, com entusiasmo e talento suficientes para abastecer novamente o

romantismo de Isabel. Agora ela recupera sonhos, esperanças e fantasias. É assim que atravessa as madrugadas em eróticos e divertidos piqueniques sobre pradarias de silício, regados a e-mail, SMS, Skype e telefone.

Agora, Isabel tem duas vidas, dois homens e dois amores, um usado, e outro novo, a estrear. Ficamos em silêncio e tentamos nos concentrar em ajudar Isabel a tomar uma decisão. Imediatamente percebemos a inutilidade de tal esforço, conscientes de que somos apenas relatores do jogo, ocultando nossas simpatias e evitando tomar partido. Em princípio, apoiamos ambos os pretendentes e, lendo novamente sua carta, notamos que usou um terço do texto elogiando seu primeiro amor. Logo a seguir, confessa suas dúvidas, desgastes e inseguranças. Na parte final, apresentou Raul, por quem está francamente apaixonada. É evidente que Isabel prefere o homem que lhe dá mais oportunidade de sonhar. No seu caso, os sonhos são inversamente proporcionais ao tempo de namoro. Por isso Raul leva a dianteira com dois detalhes significativos: se acabar escolhido poderá sofrer no futuro os efeitos da mesma máquina do tempo, ficando em condições semelhantes à do seu rival, que, por sua vez, teve o mérito de sobreviver, mesmo que machucado, à prova do tempo.

Assim, acreditamos que o verdadeiro problema de Isabel não reside em escolher entre Pedro ou Raul, mas em evitar ser enganada pela sua tendência romântica de idealizar o futuro. Precisa entender profundamente a diferença entre amar e sonhar, porque desde sua perspectiva romântica, é possível que, verdadeiramente, não ame nenhum dos dois. Pedro, porque a frustrou, esgotando seus sonhos, Raul, porque, objetivamente, não o conhece. Tenho plena consciência de que Isabel não é uma exceção, os grandes amores sempre começam com grandes sonhos, porém estes só se tornam reais quando sobrevivem à devastadora máquina do tempo, e a única maneira de desativá-la é renovando de uma forma criativa suas premissas. Não necessariamente mudando os personagens, como Isabel fez, mas criando novos projetos individuais ou conjuntos. Por algum motivo Isabel não conseguiu fazer um upgrade com Pedro. Talvez por ter demorado em se casar ou tornar realidade os projetos de família ou profissionais. Não houve crescimento, mas substituição, abrindo com Raul um novo cenário, talvez na esperança de programar outra viagem para Paris, que com certeza será muito melhor.

Uma breve análise do segundo exemplo mostraria as seguintes características na carta-consulta:

Aos 27 anos, sou bonita, madura e equilibrada.	Autodescrição da consulente.
Há três anos namoro Pedro, bonito, atencioso e apaixonado. Porém ele nunca fez meu coração bater desesperadamente, mesmo tudo indo muito bem entre nós. Na cama e fora dela. Com o passar do tempo, os defeitos começaram a surgir, fiquei mais crítica, impaciente e desanimada. Tenho um sentimento bom por ele, mas não sei se é amor o que gera brigas e insegurança.	Descrição de sua situação atual como um cenário que prepara para a explicitação do problema.
Conheci Raul — que ainda está na faculdade—na internet. Houve troca de emails, conversas e intimidades madrugadas inteiras. Há seis meses falamos em tornar tudo real, sem saber no que dará. Seria uma loucura perder Pedro, não imagino terminar uma relação com tantos planos e temo ficar sozinha. Porém não quero uma vida sem cor. Raul me fez ver como é bom estar apaixonada.	Explicitação do problema.
Estou perdida...	Pedido de ajuda implícito.
ISABEL, Rio de Janeiro, RJ.	Identificação da consulente apenas com as informações de nome e lugar de moradia.

E na carta-conselho:

Devastadora máquina do tempo	Máquina do tempo – promete viagens no tempo, remete a recuperar o tempo (perdido)?
Com bastante antecedência, Pedro e Isabel compraram as passagens para Paris, programando o que seria uma lua de mel perfeita e apaixonada.	Viagem como símbolo da felicidade do casal.
Infelizmente, esqueceram-se de um detalhe silencioso e fundamental: a passagem do tempo, que, para muitos casais, é uma séria <u>ameaça</u> de dias vazios e horas pesadas. Se o tempo não for neutralizado, <u>injeta decepção</u> e <u>tédio</u> na relação, <u>esgotando as paixões</u> , principalmente quando se tratam de mulheres jovens e românticas. O fato de ambos serem bonitos e promissores não foi importante. Mesmo assim, Isabel gastou todas as suas reservas românticas com Pedro e não foi por acaso que, nesse preciso momento, via internet, entrou em cena Raul, com entusiasmo e talento suficientes para <u>abastecer</u>	O tempo é inimigo e causador do fracasso da relação amorosa. Tempo e amor/romantismo são bens que podem ser reservados ou abastecidos.

<u>novamente o romantismo de Isabel.</u>	
Agora ela recupera sonhos, esperanças e fantasias. É assim que atravessa as madrugadas em eróticos e divertidos piqueniques sobre pradarias de silício, regados a e-mail, SMS, Skype e telefone.	Amor = sonho. Passeios, viagens. Silício – modernidade, tecnologia.
Agora, Isabel tem duas vidas, dois homens e dois amores, um usado, e outro novo, a <u>estrear</u> .	Estreia - show
Ficamos em silêncio e tentamos nos concentrar em ajudar Isabel a tomar uma decisão. Imediatamente percebemos a <u>inutilidade</u> de tal esforço,	Função do consultor e dificuldade em desempenhar a função porque os esforços podem ser inúteis.
...conscientes de que somos apenas relatores do jogo, ocultando nossas simpatias e evitando <u>tomar partido</u> . Em princípio, apoiamos ambos os <u>pretendentes</u> e, lendo novamente sua carta,	A relação amorosa é um jogo. Jogo:pretendentes=adversários; concorrentes=jogadores
...notamos que usou <u>um terço do texto</u> elogiando seu primeiro amor. Logo a seguir, confessa suas dúvidas, desgastes e inseguranças. <u>Na parte final</u> , apresentou Raul, por quem está francamente apaixonada.	Quantificação do texto; mostra o que é mais importante.
É evidente que Isabel prefere o homem que lhe dá mais oportunidade de sonhar. No seu caso, os <u>sonhos são inversamente proporcionais ao tempo</u> de namoro.	Sonhar=amar=viajar. Quanto maior o tempo, menor a quantidade de sonhos.
Por isso Raul leva a <u>dianteira</u> com dois detalhes significativos:	Dianteira=corrida=competição=jogo
...se acabar escolhido poderá sofrer no futuro os <u>efeitos da mesma máquina do tempo</u> , ficando em condições semelhantes à do seu rival,	Sofrer os efeitos- a máquina do tempo é inimiga, o tempo é inimigo.
...que, por sua vez, teve o mérito de <u>sobreviver</u> , mesmo que machucado, à prova do tempo.	Sobrevivente (na luta contra o tempo? No jogo?)
Assim, acreditamos que o verdadeiro problema de Isabel não reside em escolher entre Pedro ou Raul, mas em evitar ser enganada pela sua tendência romântica de idealizar o <u>futuro</u> . Precisa entender profundamente a diferença entre <u>amar e sonhar</u> , porque desde sua perspectiva romântica, é possível que, verdadeiramente, não ame nenhum dos dois. Pedro, porque a frustrou, esgotando seus sonhos, Raul, porque, objetivamente, não o conhece.	Amar x sonhar Futuro remete a tempo. Amor x sonho

Tenho plena consciência de que Isabel não é uma exceção,	Voz do consultor.
...os grandes amores sempre começam com grandes sonhos,	Amor e sonho
...porém estes só se tornam reais quando <u>sobrevivem</u> à <u>devastadora máquina do tempo</u> , e a única maneira de desativá-la é renovando de uma forma criativa suas premissas.	Sobreviver remete a jogo. Devastadora máquina do tempo: tempo é inimigo.
Não necessariamente mudando os <u>personagens</u> , como Isabel fez, mas criando novos projetos individuais ou conjuntos. Por algum motivo Isabel não conseguiu fazer um <u>upgrade</u> com Pedro.	Personagens: show. Upgrade - as tecnologias.
Talvez por ter <u>demorado</u> em se casar ou tornar realidade os <u>projetos</u> de família ou profissionais	Demorado: tempo. Projetos: sonhos.
Não houve crescimento, mas substituição, abrindo com Raul um novo <u>cenário</u> , talvez na esperança de programar outra <u>viagem</u> para Paris, que com certeza será muito melhor.	Cenário: show. Viagem a Paris como lua de mel.

As palavras sublinhadas se associam a vários conceitos de que o consultor se utiliza para descrever a situação-problema da consulente e, além da ativação desses conceitos, podemos perceber outras diferenças entre este e o primeiro exemplo, a saber:

1 – Diferenças no tamanho dos textos: os dois textos que compõem a carta de aconselhamento do segundo exemplo são maiores do que os do primeiro exemplo. Essa diferença pode estar relacionada também ao suporte em que ambos foram publicados. O site, por seu caráter hipertextual, privilegia textos curtos que devem ser lidos rapidamente. No caso do segundo exemplo, a revista de entretenimento visa a exatamente “entreter” o leitor, logo, os dois textos são mais longos porque talvez pressuponham a leitura por outros leitores diferentes da consulente – os leitores do jornal. Assim, textos mais longos e mais detalhados estariam mais adequados a suscitar a fruição de leitores incidentais e não apenas, como seria o propósito discursivo da carta de aconselhamento, o de orientar a consulente.

2- Diferenças discursivo-textuais no texto-conselho:

2.1 – Ausência do modo verbal Imperativo cujo uso indicaria a explicitação de uma orientação/conselho. Assim, apesar de se constituir como um

texto que se filia ao gênero carta de aconselhamento, não há elementos textuais que mostrem os conselhos propriamente ditos.

2.2 – Uso de associações ou mapeamentos da situação descrita com outros conceitos como jogo, sonhos, viagem, entre outros. Essas associações são criadas pelo consultor e pode-se analisar tal escolha como uma maneira de reconfigurar a situação de forma a permitir visualizá-la de modo diferente e, assim, identificar possíveis soluções. Da mesma maneira, oferece a noção de tempo como um inimigo e provavelmente, o grande causador dos problemas vividos pela consulente. O título aludindo à devastadora máquina do tempo demonstra, desde o início da resposta, a maneira negativa como o tempo será considerado.

2.3 – Alusão ao pensamento ou decisões tomadas pelo consultor em trechos como “Ficamos em silêncio e tentamos nos concentrar...” e “Tenho plena consciência...”. Assim, o consultor, apesar de não explicitar orientações como no texto do primeiro exemplo, reconhece e reitera o propósito comunicativo do gênero, qual seja, o de aconselhar, ainda que efetivamente não o faça, ao menos não de forma explícita.

As diferenças apontadas permitem-nos analisar o texto do segundo exemplo como uma carta de aconselhamento não prototípica de acordo com o conceito de prototipicidade defendido por Rosch (1973). A Teoria dos Protótipos sugere que há membros de um grupo que detêm as características mais marcantes da categoria e estariam no centro do conjunto. Os membros cujas características se distanciam daquelas do membro mais prototípico estariam distantes do centro e rumando para os limites do conjunto. Assim, a carta de aconselhamento prototípica seria breve, sintética, com o uso do Imperativo e dando conselhos tão claros quanto possível.

O fato de o texto do segundo exemplo apresentar várias diferenças em relação ao primeiro, considerado como mais prototípico, parece demonstrar que, embora se filiando ainda ao gênero discursivo carta de aconselhamento, o referido texto apresenta características que parecem aproximá-lo de outros gêneros como, por exemplo, o gênero textual “crônica”. A diferença, inclusive, do suporte, parece apontar para um caráter muito mais de entretenimento do que de aconselhamento propriamente dito.

A reconfiguração, como citado no item 2.2, da situação em termos de conceitos que não foram mencionados na carta consulta, ou seja, que foram ativados e trazidos

para o texto pelo consultor no texto-conselho, parece associar esse procedimento aos pressupostos da Linguística Cognitiva como, por exemplo, o de que a linguagem constrói o real. Ao transportar a situação da consulente para outros cenários (de viagem, de jogo, de tempo), o consultor tenta recriar a situação cognitivamente, ou seja, tenta estabelecer novos enquadres (*frames*) – um reenquadramento – para a situação descrita pela consulente. Um fato contado de outra forma é um novo fato e, se para o anterior não havia solução, para este novo enquadre pode haver uma possibilidade de encaminhamento. A estratégia escolhida pelo consultor indica que encontrar a solução para problemas reais pode estar no reenquadramento da situação. Para tanto, o uso da linguagem figurada parece se apresentar como uma opção eficiente.

Um dos mapeamentos que os leitores precisarão recuperar é o uso da metáfora “tempo é inimigo” que legitima trechos como “a passagem do tempo, que, para muitos casais, é uma séria ameaça de dias vazios e horas pesadas. Se o tempo não for neutralizado, injeta decepção e tédio na relação, esgotando as paixões...” e o título do texto-conselho “Devastadora Máquina do Tempo”. A reconstrução do mapeamento, ou seja, a associação entre as marcas linguísticas do texto com a ideia de que o tempo é inimigo e pode ser um dos causadores do problema apresentado pela consulente, é feita cognitivamente e sugere, então, uma abordagem com utilização de alguns conceitos presentes nos estudos de Linguística Cognitiva como metáfora, metonímia, nicho metafórico; e formas de analogia como alegoria, parábola, fábula, apólogo, entre outros.

Não apenas a consulente, mas os leitores incidentais, ou seja, os leitores da revista são convidados a estabelecer esses mapeamentos a fim de reenquadrar a situação, como em um exercício de quebra-cabeças. Esse desafio proposto implicitamente pelo consultor pode ser avaliado como uma estratégia que suscita no leitor um nível tal de fruição que torna coerente a publicação do texto em uma revista de entretenimento e justifica as escolhas discursivo-textuais do consultor.

Dessa forma, procuramos demonstrar como alguns mapeamentos em uma carta de aconselhamento não-prototípica podem desafiar o leitor e convidá-lo a reconstruir situações que se apresentam como problemas. Uma vez reenquadradas cognitivamente, essas situações podem se mostrar menos problemáticas, podem sinalizar eventuais soluções e podem se constituir em textos que despertem a fruição de vários outros leitores, diferentes daquele que o gênero pretende como interlocutor – o autor da carta-consulta.

Referências

BHATIA, V. K, *Analysing Genre – language use in professional settings*, London: Longman, 1993.

FILLMORE, C. “Frame semantics”. In *Linguistics in the Morning Calm*, ed. by The Linguistic Society of Korea, 111-137. Soeul: Hanshin, 1982.

GOLDIN, A. Devastadora máquina do tempo, In *Revista de Domingo*, O Globo, Rio de Janeiro: 01/07/2012.

MEURER, J. L, *Aspects of language in self-help counselling*, Florianópolis: UFSC, 1998.

SIMONI, R.M.S. e BONINI, A. A organização retórica do gênero carta-consulta In RODRIGUES, B et alii, *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*, Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ROSCH, E. Natural Categories, In *Cognitive Psychology* 4:328-50, 1973.

SWALES, J. M, *Genre analysis: english in academic and research settings*, Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANNEN, D; WALLAT, C. “Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica”. In RIBEIRO, B. e GARCEZ: (org) *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, 1998.
<http://www.parperfeito.com.br/Responde/opshow/answerid14288/p-1/f-1/n-1/>